

**PARA RECHAÇAR O ESTIGMA DE PROSA PANFLETÁRIA:
resenha de *O Papel de Parede Amarelo e Outras Histórias*, de
Charlotte Perkins Gilman**

To refuse the pamphlet prose stigma: a review of the *Yellow Wallpaper and Other Stories*,
by Charlotte Perkins Gilman

Para rechazar el estigma de la prosa de folleto: una reseña de *O papel de parede amarelo
e outras histórias*, de Charlotte Perkins Gilman

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo, Charlotte Perkins Gilman, *O papel de parede amarelo*,
Sylvia Serafim Thibau.

KEYWORDS: Feminism, Charlotte Perkins Gilman, *O papel de parede amarelo*, Sylvia
Serafim Thibau.

PALABRAS CLAVE: Feminismo, Charlotte Perkins Gilman, *O papel de parede amarelo*,
Sylvia Serafim Thibau.

GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo e outras histórias*. Trad. Heloisa
Seixas. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Sergio Schargel*

No dia 26 de dezembro de 1929, a intelectual Sylvia Serafim assassinou o irmão de Nelson Rodrigues, Roberto Rodrigues, motivada por uma matéria de capa do jornal *A Crítica*, no mesmo dia, que mostrava seu suposto adultério. O assassinato entrou à memória coletiva, e permanece mobilizando afetos e disputas ainda hoje. Entretanto, Serafim passou a ser tratada sempre como assassina, tendo sua produção literária, jornalística e política abandonada e esquecida. O assassinato foi apropriado como disputa política e ideológica, mobilizando paixões entre conservadores e progressistas.

Sempre lembrada como assassina, os escritos de Serafim foram esquecidos pela intelectualidade brasileira, a despeito da sua relevância. Foi a primeira mulher na Academia Fluminense de Letras, viajava o país dando palestras, tinha uma coluna semanal no *O Jornal*, além de colaborar para diversos outros jornais do eixo RJ-SP e promover saraus literários.

*Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica-Rio. Atualmente é Doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo, doutorando em Comunicação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense. Vencedor do Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021. Contato: Avenida Professor Lineu Prestes, 338, CEP: 05508-000, São Paulo-SP, Brasil. E-mail: sergioschargel_maia@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5392-693X>

Ainda em 1929 escrevia sobre temas como direitos trabalhistas, trabalho intelectual feminino, literatura feminina, entre outros. Mesmo sua literatura, ainda inédita e sem fortuna crítica, tratava de temas semelhantes. A despeito de sua produção à *l'avant-garde*, caiu na obscuridade.

Cerca de quarenta anos antes de Serafim, uma escritora feminista fazia barulho nos Estados Unidos, ao trabalhar uma prosa assumidamente proselitista, que trabalha, em diversos contos, algumas das facetas da exploração feminina e possibilidades de emancipação. Charlotte Perkins Gilman recebeu uma tradução para o português de alguns de seus contos por Heloisa Seixas, em edição da Bazar do Tempo. Uma edição, como não poderia deixar de ser, toda em amarelo. Mas não o amarelo enjoativo, asqueroso, manicomial descrito por Gilman em seu conto mais famoso, *O papel de parede amarelo*, e sim um amarelo vivo, jovial, forte. Um amarelo transgressor, evoluído, apropriado para o belo *design* da capa.

Como os de Serafim, talvez a literatura de Gilman peque pelo excesso de proselitismo, em particular em alguns dos contos que beiram o panfletário. Mas em defesa de Gilman¹, ela própria não se considerava literata, mas socióloga, como revela a tradutora. A literatura era, portanto, um método que via para expressar suas posições políticas e sociológicas sobre a emancipação feminina e o feminismo, por mais que tenha sido imortalizada neste campo de saber. De fato, há um quê de sociológico na prosa gilmaniana, que parece mais voltada à crítica dos fatos sociais que corroboram a opressão feminina do que preocupação com a forma da ficção. Não sem motivo, a autora publicou diversos livros teóricos sobre o tema, para além da ficção.

A seleção de Seixas já deixa claro o tom do livro, conforme palavras-chave como “homem” e “mulher” se repetem nos títulos de pelo menos metade dos contos. E não é coincidência: os temas da prosa de Gilman são delimitados e se mantêm em padrão. Todos, ao menos sob a seleção de Seixas, trabalham de alguma forma com a opressão feminina. Alguns, como *Reviravolta*, são mais sutis. Outros, como *Herland*, mais explícitos. Mas se repete a preocupação com questões relativas ao feminismo e os direitos femininos, o que, uma vez mais, encontra eco nos trabalhos de Serafim (que com frequência coloca pautas e questões mesmo em artigos *en passant*, quando discute modas).

A *prosa sociológica* de Gilman é irregular. Os contos mais explícitos abrem mão da forma em prol do exagero do conteúdo — por mais que a demanda da época necessitasse —, já os mais sutis, como mesmo *O papel de parede amarelo*, conseguem com sucesso trazer o tema a partir de subterfúgios, sem moldar o enredo a partir dele. Desses, *O papel de parede*

amarelo não é apenas o mais famoso, como o de maior qualidade: Gilman joga com um humor seco, sarcástico, ao mesmo tempo em que traz uma narrativa empática sobre uma mulher progressivamente privada do prazer, uma privação que aos poucos a leva à loucura.

O papel de parede amarelo, por sinal, parece ter sido escrito sobre medida à análise crítica e teórica que seria feito décadas depois por Sandra Gilbert e Susan Gubar no já clássico *The madwoman in the attic*. Na obra, as autoras pensam não apenas na invisibilidade feminina na literatura, mas também na forma com que personagens femininas foram continuamente retratadas como insanas. Para isso, lançam mão de um dos maiores exemplos possíveis da literatura: *Jane Eyre*. Por mais que tenha sido escrito por uma mulher, e com pautas progressistas sobre direitos femininos, *Jane Eyre* também traz a epítome da insanidade de que falam Gilbert e Gubar, com a ex-mulher de Mr. Rochester, a louca trancafiada no sótão.

A desumanização feminina ante o adjetivo de “louca”, descrito tanto pela teoria de Gilbert e Gubar, quanto pela prosa de Gilman, não falha em ecoar pela obra de Serafim. Ainda que não demonstre em sua literatura a mesma sutileza deste conto de Gilman — embora, vale lembrar, alguns dos contos de Gilman são bem mais explícitos —, Serafim traz discussões semelhantes. E, assim como no caso da autora estadunidense, a sua literatura parece servir a um propósito sociológico. Em ambas, é como se a arte fosse um método, uma ferramenta para levantar questões relativas aos diversos processos de desumanização e marginalização social da mulher.

Por mais que outros contos de Gilman sejam interessantes, o destaque da coletânea de Seixas é realmente *O papel de parede amarelo*. Um conto sobre depressão pós-parto — que se aproxima de uma narrativa gótica ou de terror, com uma casa que parece abandonada, alucinações e loucura —, que não falha em ecoar a noção da louca do sótão. Pois nele, a protagonista é encarcerada em um quarto por médicos, privada de trabalho, para melhorar de um colapso nervoso. Algo parecido ao que ocorreu com a própria autora, que também teve que lidar não apenas com depressão pós-parto, mas com cíclicas crises depressivas ao longo de sua vida.

Mas os paralelos entre Gilman e Serafim não terminam aí: ambas publicavam seus trabalhos na imprensa. Mais importante: em uma época em que a ideia de objetividade jornalística ainda era incipiente, e em que suplementos e espaços femininos eram dedicados exclusivamente para temas como maternidade e moda, essas autoras forçaram o seu espaço. Se Gilman encontrou isso por meio da ficção, Serafim fez parecido em suas colunas sobre moda. Por exemplo, em meio a um debate sobre vestidos nupciais em sua coluna de *O Jornal*

do dia 18 de outubro de 1931, Serafim se desloca para dedicar mais de metade do espaço para um ataque contra uma autointitulada ex-feminista que argumentava que só há felicidade à mulher no matrimônio. Em mais de uma oportunidade a jornalista promove digressões deste tipo, trazendo política para o campo da moda.

Tanto Serafim quanto Gilman também não escondem, como Seixas deixa claro, o “desprezo pelas mulheres dependentes”². Serafim³ se desloca, em seus artigos sobre moda, para criticar uma ex-feminista e não disfarça seu desprezo pelos argumentos de sua algoz, quando esta segunda defende que “toda emancipada é frustrada” por se afastar dos prazeres da vida feminina: maternidade e trabalho doméstico. Serafim rebate dizendo que se isso fosse verdade, não haveria necessidade para o feminismo. Semelhante faz Gilman, que destila seu desdém pelo que identifica como acomodação.

Em *Reviravolta*, o conto que abre a coletânea, já se torna claro o que se diz aqui por *prosa sociológica* e ficção como método. Gilman traz um adultério entre um dono da casa com a empregada doméstica sueca, o que termina com ela grávida. Mais eis a reviravolta que dá o título ao conto: ainda que de início obrigue sua funcionária a sair da casa e manifeste raiva, aos poucos a sra. Marroner desloca a culpa exclusivamente para seu marido. Marroner isenta sua funcionária de culpa pela posição de poder de seu marido, responsabilizando-se por cuidar de sua funcionária como que fosse sua filha.

O conto seguinte, *Se eu fosse um homem*, já não traduz com o mesmo sucesso a estética sociológica proposta por Gilman, incorrendo ao excesso. Como em uma prosa de realismo fantástico, a protagonista se encontra transposta para o corpo de seu marido. Ao acordar de sonhos intranquilos, Mollie Mathewson encontrou-se metamorfoseada em um inseto muito mais monstruoso do que Gregor Samsa: um homem. Mas se no plano estético há pouco há falar sobre este conto, não se pode dizer o mesmo sobre a discussão sociológica que, como os demais, levanta. Pois Molly, ao se tornar homem, com todos os elementos que isso significa — incluindo, como a autora revela divertidamente, ter bolsos — permanece sendo Molly.

Em outro conto, *Uma mudança*, uma recém tornada mãe começa a sofrer com os impactos de depressão pós-parto e a exaustão de cuidar de um bebê. Aos poucos sua saúde vai definhando, até perceber o quanto se permitir exercer sua paixão — a música — faz bem para sua sanidade. Sem dizer nada ao marido, ela e sua sogra colocam a criança em uma creche, e volta a trabalhar com a atividade que lhe dá prazer. A qualidade de vida de todos na casa melhora, inclusive do marido, que a princípio não enxerga com bons olhos a ideia de uma

creche, mas acaba acatando por perceber o quanto isso era importante para sua família. *Uma mudança* ilustra o que se diz por *prosa sociológica* em Gilman: por meio de pequenas fábulas, contos curtos, a autora lança mão de uma questão fulcral. Neste caso, como deixar de lado convenções conservadoras, conceder liberdade à mãe explorar outras facetas além da maternidade e não viver apenas em função do filho pode salvar um casamento e uma família de sua autodestruição. Em suma, abandonar essas convenções acaba por favorecer a todos os envolvidos. A mesma temática aparece nos próximos contos, *O coração do Sr. Peebles* e *O poder da viúva*.

Por mais que existam outros contos interessantes na coletânea, tanto do ponto de vista literário quanto sociológico, o destaque para *O papel de parede amarelo*, que fecha o livro, é inevitável. Conto mais conhecido de Gilman, e o melhor dentre os selecionados, traz uma narrativa que beira o gótico, como foi dito, alguns anos antes do grotesco do gótico sulista. O leitor acompanha o processo gradual de loucura em uma mulher privada dos prazeres em função da maternidade, inclusive de seu trabalho. Tendo marido e irmão médicos, é enclausurada em um quarto na perspectiva que o isolamento melhore sua depressão pós-parto, quando é óbvio, para si própria, que apenas o piora. Como foi dito, inevitável traçar um paralelo com *Jane Eyre* e a figura da mulher louca do sótão.

Em geral, a coletânea organizada por Seixas é bem-vinda. Há pouca discussão sobre a obra de Gilman no Brasil, e a maior parte dos temas que a autora levanta são relevantes ainda hoje, mais de cem anos depois. Se é verdade que alguns de seus contos são esvaziados em forma em função de sua *prosa sociológica*, isso não se repete por todos. Somente *O papel de parede amarelo*, por exemplo, já vale a leitura do livro. Assim, sua publicação vem em um bom momento, por permitir a uma nova geração de leitores entrarem em contato com uma autora dos primórdios do feminismo. Uma autora que não deixa de encontrar equivalentes um pouco posteriores no Brasil, como a mencionada Sylvia Serafim, mas também Júlia Lopes de Almeida e outras.

Notas

¹ GILMAN, 2021, p. 11.

² Gilman, 2021, p. 12

³ SERAFIM, 1931.

Referências

CRÍTICA. Entra em juízo nesta capital um rumoroso pedido de desquite!. n. 346, Rio de Janeiro, 26 dez 1929. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20192&pesq=Entrada%20em%20ju%C3%ADzo%20nesta%20capital&pagfis=2636/>. Acesso em: 30 jun 2022.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. London: Penguin Books, 2006.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University, 2000.

GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo e outras histórias*. Trad. Heloisa Seixas. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SERAFIM, Sylvia. No império da moda. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 18 out 1931. http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=10500. Acesso em: 30 jun 2022.